

Distração

Jonatas T. Barbosa

Eu estava só em meu quarto quando vi um homem de idade entre trinta e quarenta anos morrer. Os freios gastos de um caminhão falharam no cruzamento, transformou metade do corpo em parte do calçamento. Não posso dizer com precisão a hora, nem o tempo que levou para o corpo de bombeiros chegar e recolher os restos usando uma pá. Não parei de escrever para olhar; apenas ouvi o metal raspando no asfalto, recolhendo os retalhos pendurados. Foi a primeira vez que vira alguém morrer. Provavelmente o homem tinha a minha idade.

Naquela tarde, os postes de luz se acenderam ainda com a luz do sol. As lâmpadas piscaram uma a uma, com exceção da estilhada no poste derrubado pelo veículo. O guindaste da companhia de energia elétrica chegara logo após os bombeiros. O concreto partira a cabine em duas metades e o motorista estava ileso. O cheiro de diesel se dissipara e pude sentir de dentro do meu quarto os últimos brotos de amêndoa perecidos na calçada. Espiei mais uma vez e vi, pelo meio das folhas, um círculo de meninos queimando insetos. Um dos meninos cravou um pedaço de arame no meio do formigueiro entre as fendas do concreto, como se ferisse um rosto muito velho e cansado. Fechei os olhos, tentei imaginar a rua se vingando, uma revolta de formigas a se espalhar pelo chão, subindo as pernas das crianças, a entrar pelas narinas, picotando-as como papel de dentro para fora e, por fim, imaginei as rachaduras do chão se abrindo para engoli-las. Tentei com todas as forças imaginar, mas a minha mente estava virada pelo lado do avesso, como se o mundo estivesse dentro dela, e a imaginação fossem as crianças lá fora.